



Coleção
Raízes do Futuro

22

COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO PEDRO DA CARAPUÇA

SÃO TIAGO - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autoras e autores (Comunidade)

Ângela, Arthur, Carla, Carmelina, Fânia, José Geraldo Maria
Fernanda, M^a Madalena, Paulo, Vanusa.

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves,
Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares
Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro,
Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 150 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

SÃO TIAGO - MG

■ História

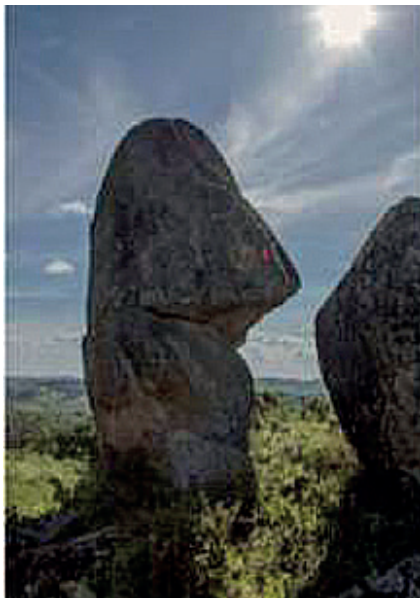
A formação da Comunidade remonta ao período pós-abolição. De acordo com relatos orais, sua origem está ligada a uma doação de terras, ocorrida por volta de 1920. De acordo com as histórias, Américo José de Castro comprou as terras de uma viúva chamada Sinhá, e, após adquirir esta propriedade, de nome Fazenda da Carapuça, o novo proprietário percebeu que havia muitos ex-escravizados vivendo naquele local. Sensibilizado, destinou parte das terras que havia comprado a São Pedro Apóstolo, permitindo que as famílias, que ali estavam, construíssem suas casas e se organizassem naquela localidade, consolidando a formação da Comunidade São Pedro da Carapuça.



■ Igreja de São Pedro da Carapuça.

Na Comunidade, residem além dos descendentes dos ex-escravos, também a família de Américo. Seu descendente mais velho é Antônio Alfeu, que conta a história de seu avô, desde a compra das terras até a doação para a edificação da Comunidade.

O nome “Carapuça”, segundo os moradores, advém de uma pedra que se localiza na entrada da Comunidade. Segundo eles, a história que ouviram de seus familiares é de que a pedra tem o formato de um gorro muito utilizado no inverno para cobrir a cabeça, assim, esse nome “Pedra da Carapuça” irá, persistir ao longo dos séculos, antes como Fazenda da Carapuça e, hoje, como Comunidade São Pedro da Carapuça.



■ Pedra em formato de uma carapuça, localizada nos arredores da Comunidade São Pedro da Carapuça.

Ananias Pinto de Barros era casado com Francisca Carolina de Jesus, proprietários originários da Fazenda da Carapuça, onde, com seus cinco filhos, residiam. Sabe-se que os Pinto de Barros, no ano de 1872, eram proprietários de vinte e duas pessoas escravizadas, onde quatro deles eram crianças, na idade entre três e treze anos, seis mulheres, entre vinte e cinquenta e um anos, e onze homens, na idade entre dezessete e cinquenta e nove anos.

Além da sede da fazenda da Carapuça, ao redor dela, tinham pequenas casas ou sítios, espalhados pela propriedade, que, ao longo do tempo, foi sendo dividida para a formação de novas famílias dos filhos do proprietário Ananias.

Segundo os moradores da Comunidade de São Pedro da Carapuça, seus antepassados ficaram nas terras da fazenda após a libertação, eles moravam em pequenas comunidades aos arredores da casa grande.



■ Pintura da antiga Fazenda da Carapuça.

A transição do regime escravista, para uma nova condição de povo livre, trouxe incertezas para as pessoas escravizadas, pois a vitória da libertação veio acompanhada do desamparo aos libertos pelas instituições de governo da época. Essa incerteza fez com que muitos libertos se reunissem em quilombos ou em novos campesinatos negros, que surgiram devido a este período de transição. Assim é o caso da Comunidade

da Carapuça, que se organizou nesse período, com os libertos da Fazenda da Carapuça e das outras fazendas aos arredores.

Em comprovação à existência de pessoas escravizadas na Fazenda da Carapuça, Elisabeth Santos, historiadora, fez uma pesquisa e encontrou uma publicação no jornal “O Arauto de Minas”, jornal de São João Del Rei, nº 7, datado de 10 de maio de 1884, página 3, em que há o registro de uma recompensa oferecida por um escravo fugitivo da Fazenda da Carapuça, vejamos:

100:000 de Gratificação, gratifica-se, com a quantia supra a quem apreender o escravo Miguel, cor preta, alto e corpulento, falta três dentes na frente, rosto redondo barbado, falla grossa. Pés grandes, idade de 38 annos. Levou chapeo de palha, camisa de algodão branco, e calça de riscado. Este escravo é pertencente a Antonio Pinto de Barros, morador na Fazenda da Carapuça, districto de S. Thiago, município de Bom Sucesso, de onde fugio no dia 24 de Abril p.p. supõe-se que anda pelos subúrbios desta cidade e da-se a gratificação acima a quem prender, e leva a casa do annunciante, ou o recolher a cadeia de S. João d’El-Rei.



Contam os moradores de São Pedro da Carapuça terem lembrança de uma reforma no prédio da senzala para servir de moradia aos novos proprietários, e que antes desta reforma, eles afirmam, havia manchas de sangue, argolas, correntes e outros objetos de torturas que seriam utilizados nos escravizados da fazenda.

No Brasil colonial e pós-abolição, era comum, pessoas mais abastadas, sem herdeiros, fazer doações de bens e terras para as irmandades, para a Igreja Católica e eventualmente para os escravizados. Conforme dito anteriormente, Américo optou por doar as terras para o apóstolo São Pedro, ficando tal território sob a tutela da Igreja Católica, que passou a cobrar aforamento de seus moradores. Aforamento é a concessão do uso pleno de um imóvel, mediante pagamento por esse uso, mas com a propriedade formal permanecendo com a Igreja Católica.

A doação para a Igreja Católica causou grande dificuldade para a Comunidade, que, ao se constituir oficialmente, teve como encargo o aforamento. Com o passar do tempo, muitos deixaram de efetuar os pagamentos para a Igreja Católica, devido à falta de recursos.

A vida na Comunidade sempre foi muito difícil. Muitos relatam que a fome e muitas dificuldades assolavam a Comunidade, que, sem a propriedade das terras, os moradores precisavam trabalhar nas terras dos fazendeiros nos arredores do povoado.

Uma das pessoas mais lembrada na comunidade é a Felicidade. Felicidade Ferreira era uma mulher negra, escravizada, muito famosa na Comunidade da Carapuça por sua personalidade extremamente rígida. Apelidada por Dade, ela foi um dos pilares da comunidade, que passou muitos exemplos de retidão para os seus ascendentes, muitos de seus netos ainda vivem na Comunidade.



■ Felicidade Ferreira (Dade).

Madalena, atual moradora da Comunidade, é bisneta de Felicidade. E segundo ela, Felicidade gostava muito de andar a pé pelas redondezas da Carapuça, caminhava sempre descalça e com rolo de fumo no bolso.

O Senhor José Geraldo, mais conhecido como Zé Bilica, conta que se lembra muito de Felicidade. Que ela vivia em um local chamado Moraes, que hoje já não existe mais. Segundo Zé Bilica, ela andava quilômetros por dia e parava nas casas, ali dormia e, no outro dia, levantava, tomava café e ia embora. Quando chegava na Carapuça, ela ficava dias nas casas de seus parentes. Os moradores contam muitos casos sobre a famosa Dade, e seus netos lembram que ela tinha dentes de ouro e que, em suas andanças, encontrou uma pedra de ouro, mas foi enganada e a perdeu.

Dona Fátima, 67 anos, casada com o Sr. Zé Bilica, em suas lembranças do tempo de infância, conta que vivenciou marcas das atrocidades impregnadas no corpo de seu avô: *“Meu avô foi, ele tinha a marca no rosto, quando eu era muito pequena, eu lembro, ele morreu com 100 anos. Meu vô era escravo,*

mas em outra fazenda, ali do outro lado, aqui tinha uma, aqui é terra dos escravos, aqui é quilombo. Aqui era de escravo, aqui era [...]”.

Fátima traz em seu relato, que o seu avô fora escravizado em outra fazenda e após a abolição, sua família mudou-se para a Comunidade que se formava, na antiga Fazenda da Carapuça. Muitos libertos dessa Fazenda migraram para as cidades vizinhas e outros libertados de fazendas da região mudaram-se para a Carapuça, onde formaram um grupo de ex-escravos, como é o caso de algumas famílias como a de Fátima. Ela conta que sua mãe viveu por mais de 100 anos e teve 14 filhos, dos quais muitos ainda residem na Comunidade.



■ Atividade da árvore genealógica da família de Ernesto Carlos Silva e Carmelina Cândida de Jesus apresentada no encontro do Raízes do Futuro

Carmelina, uma das filhas, e irmã de Fátima, era parteira e benzedeira de quebranto, mal olhado, jeito e outras mazelas. Ela relata histórias que ouvia de seus familiares: “[...] Meu avô me contava as coisas, como era, o tanto que sofreu o pai dele. Ele falava que o avô dele era escravo, trabalhava como escravo, }quando ele ia ser marcado, Zacarias, né, que ele chamava, aí foi o dia da liberdade, aí ele não chegou a ser marcado.”



■ Carmelina Cândida de Jesus, conhecida por Mãe Nega.

Moradores da Comunidade trabalhavam também para a família proprietária da Fazenda da Carapuça, e para outros fazendeiros aos arredores como retireiros, em lavouras e as mulheres, além do trabalho na roça, trabalhavam nas casas dessas fazendas.

Era comum os fazendeiros contratarem mão de obra e fazer o pagamento não em dinheiro, mas em alimentos, o que causava grande frustração aos trabalhadores, mas, assim mesmo, eles se rendiam devido à necessidade.

O casal Paulo e Glória, moradores da Comunidade São Pedro da Carapuça, lembram-se da miséria em que muitos viviam, eles confirmam que seus pais e avós trabalhavam para fazendeiros em volta da Comunidade em troca de comida, Paulo lembra-se de casos como este e cita o de uma senhora chamada Conceição. Os fazendeiros iam até a comunidade e a levavam para trabalhar alguns dias, em suas fazendas, em afazeres domésticos e no campo, ao final do serviço, entregavam a ela uma marmita de comida, que ela levava para alimentar os filhos.

Território



■ Mapa Simbólico da Comunidade apresentado no Projeto Raízes do Futuro.

A Comunidade possui uma pequena mercearia, três bares, a Igreja Católica de São Pedro e um pequeno posto de saúde, que funciona para a marcação de exames, distribuição de alguns medicamentos e atendimento de médico e enfermeira, uma vez por mês. Contam também com um campo de futebol e uma cachoeira para os momentos de lazer.



■ Vista da Comunidade

Para suprirem outras demandas, os moradores de São Pedro da Carapuça precisam ir à sede de São Tiago ou ao município de Bom Sucesso.

Para estudar, as crianças da Comunidade precisam viajar até São Tiago porque o prédio escolar está fechado a muito tempo.

O uso da água, que abastece São Pedro, é para consumo humano e irrigação de cultivos nos quintais. Os moradores da Comunidade lembram-se com alegria da época em que a água, que servia às residências de São Pedro e corria a céu aberto, foi canalizada, isto ocorreu na década de 1980. Atualmente, a Comunidade é servida de água por um poço artesiano.

As matas, ao redor da Comunidade, ainda se encontram preservadas e as áreas, alteradas pela ação humana, são onde estão as moradias, as estradas e a Igreja. A maioria das pessoas da Carapuça têm consciência de que os recursos naturais são essenciais para sustentarem as práticas culturais e tradicionais, influenciando diretamente a identidade e o bem-estar da Comunidade.

Economia e sociedade

Em São Pedro da Carapuça, a fé se faz presente na vida dos moradores, que rezam novenas, vivenciam a Folia de Reis, as festividades pelo santo padroeiro, São Pedro, e as da Semana Santa, com procissões, vias-sacras e encenações da Paixão de Cristo.

Para os quilombolas da Comunidade de São Pedro, o jogo de futebol, no campo localizado na comunidade, ou com os moradores de comunidades vizinhas se constitui atividade de lazer, assim como, os bailes nas quermesses e a cachoeira, bem pertinho de São Pedro.

Ainda hoje, muitos da Comunidade trabalham na lavoura de café das grandes fazendas ao redor de São Pedro da Carapuça. Alguns trabalham como meeiros e plantam arroz, feijão e milho. Nos quintais das residências, são cultivadas frutas como: laranja, limão, abacate, manga, jabuticaba, além das hortaliças, abóbora e quiabo.

Não há uma residência, em São Pedro, em que não haja uma quitandeira, que nos delicie com os biscoitos assados e fritos, no fogão a lenha.

Hoje, além de almejar a regulamentação de suas residências, os moradores de São Pedro da Carapuça se reconhecem como uma comunidade remanescente quilombola. No censo demográfico de 2022, 79 pessoas da Comunidade da Carapuça se afirmaram quilombolas, algo que, para os moradores, pode ser considerado uma luz no fim do túnel, pois almejam a certificação, a delimitação do território e mais qualidade de vida, como atendimento médico mais facilitado e escola na Comunidade.



- Participantes do Raízes do Futuro apresentam o sonho da Comunidade São Pedro da Carapuça após realizarem tempestade de ideias.

A Comunidade há algum tempo vem discutindo sua ancestralidade, no sentido de preservarem o seu território histórico e sua cultura. Dialogaram com vários parceiros, dentre eles o Cedefes, que esteve em São Pedro da Carapuça, em 2017, para dialogar e esclarecer questões sobre direitos quilombolas. No dia 7 de setembro de 2025, os moradores de São Pedro da Carapuça, realizaram, após a Missa dominical, a Assembleia de autorreconhecimento enquanto povo remanescente de quilombos. Este momento foi registrado em ata, que compôs o processo, enviado à Fundação Cultural Palmares, para a obtenção do Certificado Quilombola, o qual aguardam ansiosamente. ■

CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.